



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

DONIZETE EMANOEL DE COUTO RODRIGUES

**A FAZENDA SÃO FRANCISCO E A FORMAÇÃO DE OLIVEDOS – PB:
DO GENOCÍDIO NATIVO ÀS PRIMEIRAS CASAS**

CAMPINA GRANDE – PB

2020

DONIZETE EMANOEL DE COUTO RODRIGUES

**A FAZENDA SÃO FRANCISCO E A FORMAÇÃO DE OLIVEDOS – PB: DO
GENOCÍDIO NATIVO AS PRIMEIRAS CASAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciado em história.

Orientadora: Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro.

CAMPINA GRANDE

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696f Rodrigues, Donizete Emanuel de Couto.
A Fazenda São Francisco e a formação de Olivedos – PB
[manuscrito] : do genocídio nativo as primeiras casas /
Donizete Emanuel de Couto Rodrigues. - 2020.
27 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação , 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Olivedos - Paraíba. 2. História local. 3. Colonização. 4.
Formação de núcleos humanos. I. Título
21. ed. CDD 907.2

DONIZETE EMANOEL DE COUTO RODRIGUES

**A FAZENDA SÃO FRANCISCO E A FORMAÇÃO DE OLIVEDOS – PB: DO
GENOCÍDIO NATIVO AS PRIMEIRAS CASAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
História da Universidade Estadual da Paraíba
como requisito parcial para obtenção do título
de licenciatura em História.

Área de Concentração: História Local

Aprovado em: 04 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA



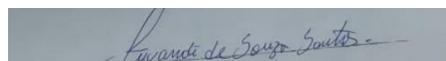
Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Juvandí de Souza Santos

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pai criador, por sua grandiosa misericórdia e seu infinito amor. Também a minha cidade, carente de suas histórias. A minha família, especialmente meu primogênito Joaquim, que nascerá em um berço repleto de amor e dedicação, e encherá nossas vidas com o mais puro dos sentimentos, dedico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Cemitério do Município de Olivedos-PB.....	19
Figura 2- Casa atribuída a Teodósio de Oliveira Ledo.....	20
Figura 3- Vista lateral da igreja de São Sebastião, Olivedos-PB.....	20
Figura 4- Terras dos Oliveira Ledo, nas primeiras décadas de ocupação.....	22
Figura 5- Localização de Olivedos-PB no mapa de Wilson Seixas.....	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 POVOAMENTO À GALOPE: A MARCHA PARA O INTERIOR DA CAPITANIA REAL DA PARAHYBA.....	09
3 ENTRE A CORAGEM E A MALDADE, “OS” TEODÓSIOS DO POVOAMENTO.....	15
4 EM MEIO À GUERRA, FLORESCEU SÃO FRANCISCO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	25

**A FAZENDA SÃO FRANCISCO E A FORMAÇÃO DE OLIVEDOS – PB: DO
GENOCÍDIO NATIVO AS PRIMEIRAS CASAS**

**THE SÃO FRANCISCO FARM AND THE FORMATION OF OLIVEDOS - PB:
FROM THE NATIVE GENOCIDE THE FIRST HOUSES**

Donizete Emanuel de Couto Rodrigues¹

RESUMO

Olivedos, localizada no Curimataú paraibano, tem sua formação atribuída a Teodósio de Oliveira Ledo, no influxo do processo de interiorização da capitania da Paraíba. A vulgata localista assegura que aquele sertanista teria fundado e habitado a fazenda São Francisco, cujo povoamento primitivo originaria Olivedos. A presente pesquisa parte do questionamento sobre tal origem, uma vez inexistir estudos que apaziguem os questionamentos sobre esta fundação. Objetiva-se, assim, responder as seguintes perguntas: O sertanista teria se fixado e morado aqui mesmo? Teodósio teria sido um homem sanguinário, ou um valoroso colonizador? Teriam essas terras, tido outros colonizadores além de Teodósio? A fazenda teria sido fundada apenas em 1722? Para responder tais perguntas bebemos na fonte de obras de autores clássicos na historiografia local, tais como Elpidio de Almeida, Wilson Seixas e Irineu Joffily, bem como com nomes mais novos, como Valdeci dos Santos Junior, Antônio Pereira de Almeida, Roberto Ribeiro, Maria Milena Moreira Formiga, entre outros, do mesmo modo que fizemos uma explanação geral sobre o contexto do nordeste da colônia, do momento da interiorização tal qual da Capitania da Paraíba, para a partir de então entender a chegada do colonizador e a formação de núcleos humanos. Com todo aparato de obras e seguido essa metodologia foi possível criar suposições e hipóteses que trazem um enredo e um recorte temporal para a fundação da fazenda, bem como, foi possível observar novos atores neste meio e a participação de Teodósio nesta conquista.

Palavras-chave: Olivedos. Formação. Colonização. Atores. Contexto.

ABSTRACT

Olivedos, located in Paraíba's Curimataú, has its foundation attributed to Teodósio de Oliveira Ledo, in the influx of the interiorization process of the captaincy of Paraíba. The localist vulgate assures that the backwoodsman would have founded and inhabited the São Francisco farm, whose primitive settlement would originate Olivedos. The present research starts from the questioning about such origin, once there are no studies that appease the questions about this foundation. Thus, the objective is to answer the following questions: The backwoodsman would have settled and lived right here? Was Theodosius a bloodthirsty man, or a manly colonizer? Did these lands have other colonists besides Theodosius? Was the farm only founded in 1722? To answer some questions, such as Elpidio de Almeida, Wilson Seixas and Irineu Joffily, as well as newer names such as Valdeci dos Santos Junior, Antônio Pereira de Almeida, Roberto Ribeiro, Maria Milena Moreira Formiga, among others, in the same way as we made a general explanation about the context of the northeast of the colony, from the moment of interiorization just like the Captaincy of Paraíba, to understand from then on the arrival of the colonizer and

¹ Graduando do curso de licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba.
donizeteemanoel@gmail.com

the formation of human nuclei. With all the apparatus of works and following this methodology, it was possible to create assumptions and hypotheses that bring a plot and a time frame for the foundation of the farm, as well as it was possible to observe new actors in this environment and the participation of Theodosius in this achievement.

Keywords: Olivedos. Formation. Colonization. Actors. Context.

1 INTRODUÇÃO

Olivedos, cidade de nome bem incomum, formou-se enquanto fazenda no início da ocupação sertaneja na Paraíba entre o fim do século XVII e início do século XVIII. Denominada de Fazenda São Francisco, foi rota de gado e ligação entre o atual brejo, sertão e Rio Grande do Norte, possuiu durante muito tempo um dos dois campos-santos da região, juntamente com São João do Cariri, além de ser uma das poucas fazendas de gado desta área. Por variados motivos, que não cabe detalhar por conta do formato deste artigo, estagnou-se no tempo e viu as atuais cidades circunvizinhas surgirem e se desenvolverem a passos largos, se comparadas a ela.

Acabou se tornando distrito de Soledade, que foi fundada em época recente se comparado à Olivedos e segundo Nobrega Filho, “A rigor, desconhece-se a exatidão do momento da fundação de Soledade. Nesse ponto, opiniões se dividem. Umas, referindo-se ao ano de 1856 (1); outras, adotado o meado de 1872 [...]”. Fato é que mesmo com essa imprecisão apresentada ainda é possível afirmar que a fundação de Soledade aconteceu na segunda metade do século XIX, época em que segundo o mesmo autor Olivedos dava origem a um arraial (FILHO, 1974, p. 15).

O decreto-lei estadual nº 520, de 31 de dezembro de 1943 determinou a mudança do nome do então distrito de São Francisco para Olivedos, já na segunda metade do século passado, os olivedenses aproveitaram-se de uma onda de emancipações paraibanas, entre as décadas de 1950 e 1960 e, desde o dia 28 de dezembro de 1961, graças à lei n. 2706, conseguiram a independência de Soledade, até então sua sede². Atualmente, segundo estimativa do IBGE, Olivedos tem 3932 habitantes, distribuídos em uma área de 318 km². Está localizada na mesorregião do agreste paraibano e na microrregião do Curimataú ocidental, limitando-se ao norte com o município de Barra de Santa Rosa, a leste com Pocinhos, a oeste com Cubatí e com Seridó e ao sul com o município de Soledade.

Olivedos, assim como boa parte das cidades do interior da Paraíba, teve sua formação calcada na atividade da pecuária, que se desenvolveu nesses lugares há tempos atrás. Este fato pode ser comprovado ainda hoje nas comunidades rurais remanescentes que vivem da criação animal, bem como pela figura do vaqueiro que é sempre presente nesse meio, especialmente através das vaquejadas e até mesmo pelo nome das localidades do município, como por exemplo, Boi Morto, Curralinho, Cavalo Morto, Malhada dos Cavalos e tantas outras.

Sobre sua história, as únicas anotações que trazem algo a respeito não mostram em si a identificação dos autores, as mesmas estão disponíveis na biblioteca do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas):

Município de Olivedos, teve sua história iniciada em 1722, quando foi implantada a Fazenda São Francisco por Antônio Francisco da Costa. Duas casas existiam na propriedade, sendo uma na sede e outra no local conhecido como “Curralinho”. No mesmo ano, foi demarcada a Fazenda São Francisco pelo sertanista Teodózio de Oliveira Ledo, que residiu por alguns anos disseminando a colonização do território San-Francisco. O patrimônio para a construção da capela em honra a São Francisco, foi doado por Antônio Francisco da Costa, em 1722 quando foi construído o cemitério local. Em volta do simples templo foram construídas novas residências por pessoas que chegaram ao local atraídos pela fertilidade do solo. (Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/paraiba/olivedos.pdf>, acesso em 25 de novembro de 2020)

² Todas essas informações referentes à cidade de Olivedos foram consultadas no site do IBGE, algumas, como o número de habitantes é estimativo.

A despeito desta certeza, desconhece-se se eram devolutas ou se pertenceram a outro colono, como era comum acontecer. O próprio domínio do famoso sertanista é colocado em dúvida, posto nunca se haver localizado os forais ou sesmarias³ que assegurem essa informação.

A ausência de maiores dados acerca do lugar e sua emergência no cenário da interiorização da capitania da Paraíba tem causado um imenso vazio na identidade local, que necessita de uma explicação para sua origem. Sem este passado histórico, limitado a meras citações em estudos de outros locais que referenciam Olivedos, resulta uma população que cultiva mitos e constrói heróis distantes da realidade, corporificando o que Bourdin (2001, p. 29) chama de “vulgata localista”.

À incompletude no conhecimento sobre a colonização do lugar, marcada pela ausência total de estudos que abordem a fundação da fazenda que originaria Olivedos, cabem as seguintes indagações: O sertanista teria se fixado e morado aqui mesmo? Teodósio teria sido um homem sanguinário, ou um valoroso colonizador? Teriam essas terras, tido outros colonizadores além de Teodósio? A fazenda teria sido fundada apenas em 1722?

É com o intuito de tentar responder essa história incompleta⁴, que esconde no seu percorrer outros atores e diversos fatos, que esse trabalho se desenvolve. Para tanto, recorreremos, em primeira mão, à historiografia existente, no sentido de identificarmos vestígios que possam iluminar esses meandros obscuros da história local. Nosso estudo se pauta nas obras de autores clássicos na historiografia local, tais como Elpidio de Almeida, Wilson Seixas, Antônio Pereira de Almeida e Irineu Joffily, bem como com nomes mais novos, como Valdeci dos Santos Junior, Roberto Ribeiro, Maria Milena Moreira Formiga, entre outros.

Tratar da fundação de Olivedos é trabalhar história local e isso remete a uma série de implicações afetivas e existenciais que temos que observar enquanto agentes inseridos no contexto, como justifica Adilson Filho, *pois não se fala de um lugar neutro, distante e abstrato, mas de onde viemos, trabalhamos, sofremos e gozamos* (2019, p. 180).

Sem dúvidas, é prazeroso falar do nosso lugar, de onde formou-se as nossas raízes e onde estão as nossas raízes. Contudo, o cuidado com os excessos deve ser constante; afinal, estamos falando do nosso lugar, o que implica certa nostalgia, e o saudosismo parece ser quase inevitável ao tratarmos um passado que nos toca de perto e que remonta aos nossos ancestrais.

Destaca-se acentuada crítica a abordagens da história local por serem perpassadas pela nostalgia de um passado acalentado, geralmente, pelos historiadores do local. A exigência do distanciamento do objeto de pesquisa ilidiria essa nostalgia, fato pouco observado pelos que trabalham seus lugares de afeição, onde se constituem as primeiras identidades do sujeito histórico. Contudo, tal crítica não nos parece pertinente, uma vez que, sendo o local espaço onde a genealogia ganha sentidos, e esta, por sua vez, liga o humano ao seu passado, que mal há em expressar afetos por ele?

2 POVOAMENTO À GALOPE: A MARCHA PARA O INTERIOR DA CAPITANIA REAL DA PARAÍHYBA.

³ Forais eram documentos que regulamentavam as terras conquistadas, dispunham sobre cobranças de tributos ou privilégios no geral, já sesmarias eram doações de terras feitas a requerentes que justificassem a pretensão na terra e produzissem nelas em nome da coroa, a doação era feita em forma de carta de sesmaria e podia ser remetida a um ou a vários requerentes.

⁴ Acerca desta questão, ADILSON FILHO (2019) chama atenção também para a consciência da comunidade sobre o lugar, uma vez que “Devido à escassa produção historiográfica, resumida principalmente a alguns poucos trabalhos publicados na forma de livros (às vezes apenas um), toda uma comunidade é levada a interpretar a história da sua cidade a partir de uma perspectiva na qual não se vislumbra conflitos e contradições (ADILSON FILHO, 2019, p. 181).

O atual Nordeste brasileiro foi o palco principal da colonização portuguesa. Aqui, a primeira nau lusa baixou âncora e o homem branco pisou pela primeira vez no Novo Mundo, ao menos de forma registrada/oficial. Foi no nordeste da colônia o ápice das primeiras sociedades da nova terra e esse cenário teve diversos eventos importantes nos primeiros séculos da conquista. Talvez o principal destes tenha sido a invasão holandesa.

Neste momento, Portugal pagava um preço que não era seu ou que até poderia ser; fato é que a contenda entre Holanda e Espanha chegava até o país luso por conta da União Ibérica (1580-1640) e Portugal herdava os bons frutos espanhóis, mas também os seus inimigos, que agora eram em comum.

Por 24 anos, de 1630-1654, a parte essencial da colônia portuguesa, um dos territórios mais ricos do mundo naquela temporalidade, ficou na mão dos batavos e o processo de retomada do Nordeste da colônia foi longo, instável e problemático. As revoltas foram constantes, especialmente nos primeiros anos do novo governo, porém foi no ano de 1645 que a insurreição teve seu ponto alto, com dois motivos sendo os fundamentais. Foram eles: As dívidas vultuosas que os senhores de engenhos contraíram e a substituição de Maurício de Nassau do comando geral, tempo em que revoltosos obtiveram importantes conquistas e vitórias, entretanto:

Do ponto-de-vista da Coroa, o levante luso-brasileiro podia ser descrito um meio sucesso ou um meio fracasso, o que, diplomaticamente, era simplesmente desastroso. Embora ele lograsse reconquistar o interior, não lhe foi possível retomar o Recife e as praças-fortes do litoral, Itamaracá Paraíba e Rio Grande (MELLO, 2003, p. 61).

Mediante toda essa situação, ainda segundo Mello (2003), Dom João IV ordenou a retirada dessas tropas para a Bahia e propôs a compra da “Nova Holanda” aos Estados Gerais. El Rei fracassou tanto com as tropas como na tentativa de compra, visto nesta posição e por longe dos holofotes o monarca português resolveu apoiar secretamente as tropas revoltosas e conseguiu enfim negociar o atual nordeste brasileiro, mesmo perdendo vultosa quantia e duas colônias africanas a sua colônia na América é restaurada.

O saldo da estadia holandesa em terras do Novo Mundo é extremamente vantajoso para os batavos e desastrosa para os portugueses. Os holandeses levaram daqui, além da indenização, o conhecimento do cultivo do açúcar, o que proporcionou uma produção maior e melhor que a portuguesa nos novos enclaves flamengos, quebrando o mercado interno e causando a crise do açúcar, prejudicando ainda mais a economia que já não ia bem depois da retirada do valor indenizado.

Diante dessa nova situação o governo português viu a necessidade de planejar uma forma de recompor e se reestruturar, e um desses projetos foi o de interiorização das capitanias do nordeste da colônia. A ideia era produzir nestas áreas, tomando posse das mesmas, demarcando-as e ocupando-as, sob pena de serem, novamente, dominadas por outros povos. Urgia adentrar no chamado “território dos tapuias”, dominando-o e submetendo-o ao projeto colonial que, já se alastrava em outros espaços da colônia.

O projeto português de interiorização das capitanias do Norte a partir da saída dos holandeses da colônia alcançou a Paraíba de forma inevitável. A ideia era ir além de onde os batavos conseguiram e, por conseguinte, destacam-se uma série de intenções que estavam postas, dentre elas estavam a perspectiva de traçar uma rota terrestre com o atual estado do Maranhão, tendo em vista a dificuldade de navegação que existia de leste para oeste⁵. Outro intuito era a necessidade de uso da mão de obra indígena, levando em consideração o alto custo da mão de obra escrava que impedia a boa parte dos colonos possuírem um negro africano, o uso do indígena se estendia ainda a defesa do território em suas fronteiras, visto o processo de alianças que se deu neste período. Outra questão se impõe ao plano luso: o número de colonos

⁵ Segundo SOARES (2012), a Guerra dos Bárbaros tinha como orientação da coroa não só a defesa dos colonos, mas também dessas rotas terrestres que acabavam de ser criadas. (SOARES, 2012, p. 30)

pobres que tendiam a se tornar um problema para a administração colonial, por não se inserirem em seu sistema produtivo. Para estes, o incentivo à interiorização emergia como uma solução eficaz, pois que abria para aqueles a possibilidade do acesso à terra, tirando-os, ao mesmo tempo, dos espaços dos engenhos e do risco da vadiagem e da desordem, num quadro que destruíra a capitania de Itamaracá, segundo Gonçalves (2007, p. 62).

Posto isso, vê-se que o povoamento do interior da Capitania da Paraíba não foi algo aleatório ou, tão pouco, com um único motivo. Fazia-se necessário conquistar a maior parte da terra, já que, até então, os portugueses não tinham se afastado muito do litoral, em decorrência da determinação real que impedia a interiorização, na primeira fase da colonização. Desse modo era mais que necessário empurrar o colono para os sertões, terra desconhecida e temerária, visto isso o colono tinha que ser atizado para ocupar as terras à oeste, os grandes e temíveis desertos⁶.

A forma de convencer o colono a adentrar a capitania também era múltipla, e a doação facilitada de sesmarias tornou-se o grande trunfo para fomentar este incentivo. A possibilidade de ascensão social, tornando-se proprietário de terras e rebanhos, assim como sair do ciclo produtivo dos engenhos do litoral, que exigiam alto cabedal para implantação, passou a se tornar um referencial no imaginário colonial. O sertão como espaço do crime também seria o espaço de esconderijo para os perseguidos pela justiça e pela inquisição.

A pecuária tornou-se o grande motor desse processo. Graças a ela, a interiorização da capitania aconteceu, e o colono que não via perspectiva no litoral, viu na interiorização a chance de sucesso e do acesso à propriedade de terras, meio único de produção. Adentrar nos sertões da capitania da Paraíba passou a ser entendido como uma nova expedição de Portugal às Américas, e a criação animal era a grande esperança destes indivíduos, mesmo ela só se fixando com mais segurança e rigidez no início do século XVIII:

Dessa maneira, a necessidade estrutural de maiores espaços motivou a criação de uma ordem régia de 1701, pela qual a coroa proibia a criação de gado na faixa litorânea a menos de 10 léguas da costa, sendo esta fundamentalmente destinada à plantação de cana (SIMONSEN, 1977, p. 151).

Adentrar um território que era intacto requeria todo um planejamento, tanto pela densidade das matas, como pelo medo do desconhecido, o que exigia um planejamento que envolvia humanos e animais. Não à toa, a estratégia primitiva usada nesses territórios pelos portugueses foi a de adentrar nos sertões seguindo o curso dos rios e seus afluentes, entendendo esses acidentes geográficos como caminhos seguros para assegurar a sobrevivência dos colonos e seus rebanhos, bem como mais fácil de ser referenciado aos que viessem a seguir.

Tornar os rios em estradas era uma estratégia apropriada nesse contexto, uma vez que eles ligavam grande parte do território, sendo também fontes de água, capazes de saciar as tropas de homens e animais. Mesmo no período da estiagem havia a possibilidade de cavar o solo do rio e jorrar água e neste período de poucas chuvas a maior parte dos rios se transformavam em verdadeiras estradas.

Os povoamentos e fazendas que surgiram após o processo de interiorização da capitania mantiveram o cariz de serem erguidos bem próximos a curso de água. Atualmente, podemos verificar que a maioria das cidades interioranas da Paraíba mantém um modelo muito semelhante, que reforça ainda mais esse costume dos povoadores dos sertões, que usaram os rios como vias. Tais cidades provem exatamente dos primeiros núcleos de povoamento, sendo

⁶ Em seu termo original “o sertão” é um espaço definível, mas não delimitável e, ao modo português, era tudo que não fosse litoral. Numa representação local sobre o termo uma das definições é a seguinte: Espaço de riquezas, espaço habitado por índios “Tapuias” e espaço sem lei. (SOARES, FILHA, 2013 p. 86)

fazendas, vilas, povoados ou afins, que as originaram. Mas tudo isso só foi possível, por conta das duas principais vias de acesso a Capitania paraibana:

Da mesma forma, as primeiras entradas na Capitania da Paraíba, vindas da Bahia, deram-se a partir da conexão entre o São Francisco e o Pajeú, estabelecendo dois eixos: o dos Sertões do Cariri, através do rio Paraíba; e o do sertão de Piranhas e Piancó, pelo rio Piancó. (SOARES, 2012, p. 63)

Sendo assim, durante essa fase inicial da interiorização da Capitania Real da Paraíba esses eram os dois principais pontos de acessos. Contudo, o que poucos atentaram (e é necessário que seja visto já que essas duas vias não eram as únicas rotas de entradas, apesar de sua grande importância) é que houve uma terceira via de entrada para as terras paraibanas, talvez usada antes mesmo dessas duas primeiras, para essa conclusão é valioso observar o que atesta Almeida:

Os Oliveira Ledo já tinham conseguido sesmarias inicialmente no Rio Grande do Norte, em 1664, conseguindo terras no Rio Putegy. Em seguida solicitam sesmarias junto ao rio Paraíba (30 léguas) ao Conde de Óbidos - Governador Geral do Brasil, que foi concedida em fevereiro de 1665 (ALMEIDA, 1962, p. 17).

O Rio Putegy (*sic*) está localizado no extremo leste do estado potiguar, o que nos leva a crer que existia essa terceira rota, tendo em vista a distância para uma ligação com um dos rios sertanejos da capitania da Paraíba, no caso com o rio Piranhas e/ou Piancó. Dessa forma, o mais provável é que, ao invés dos sertanistas atravessarem a Capitania do Rio Grande, no sentido leste-oeste, e entrar pelo Piranhas, eles usavam uma terceira via, que permitia chegar dentro do atual estado da Paraíba de forma mais rápida.

Supomos que a partir desta possível terceira rota de acesso surgiu a *estrada do Seridó*, rota que se consolidou durante o século XIX e que ligava a Paraíba ao Rio Grande:

Vindo do interior potiguar, a rota mais curta era a chamada estrada do Seridó, que entrava por Pedra Lavrada, seguia para a fazenda Cubatí, daí para o arruado São Francisco (Olivedos), atravessava Pocinhos chegando a Campina (RIBEIRO, 2013, p.36)

Apesar de evidenciar a existência desta terceira via de acesso, é inegável, como coloca Formiga (2014), que, *na Capitania da Parahyba a Ribeira de Piranhas foi o principal ponto de apoio para aqueles que se aventuravam a adentrar o sertão* (FORMIGA, 2014, p. 64).

A partir dessas ribeiras que mencionamos, foram se formando pontos de apoio ao colono que, naquele momento, se encontrava em meio ao conflito instalado entre eles e os índios. Esses *pontos de apoio* eram, na verdade, fortificações militares que, ao congregar em seu entorno pequenas populações, acabaram se tornando também focos de povoamento. Ressaltamos, aqui, dois desses que estavam dentro do território demarcado da capitania da Paraíba: o Arraial de Piranhas e do Cuó, já que a região de Caicó, atual Rio Grande do Norte, integrava a capitania da Paraíba.

Os pontos militares formados foram o Forte do Cuó (1683), Arraial de Piranhas (1687), Arraial de Açú (1687) e Arraial de Jaguaribe (1690), os quais deram origem, no século XVIII, aos primeiros núcleos urbanos nas ribeiras estudadas, que foram, respectivamente, a Povoação do Caicó (atual cidade de Caicó no Rio Grande do Norte), a Povoação de Piranhas (atual cidade de Pombal na Paraíba), a Povoação do Açú (atual cidade de Assu no Rio Grande do Norte) e Vila do Icó (atual cidade de Icó no Ceará). (SOARES, FILHA, 2014 p. 2-3)

Vale salientar ainda que esses foram pontos de destaque da região que compreendia os sertões de Piranhas e do Seridó da Capitania. Contudo, haviam outros núcleos de povoamento também em outras regiões do chamado “sertão, especialmente no chamado Sertão dos Cariris.

Elencam-se sítios na região da atual cidade de Serra Branca, São João do Cariri e, principalmente, na região de Boqueirão de Cornoyó, atual cidade de Cabaceiras, sendo este o sítio mais antigo da região do Cariri, como atesta Pequeno Filho (2014):

O Sítio São João só aparece pela primeira vez na história do Cariry no ano de 1702, quando Custódio Alves Martins se apropria desta região concedida em pedido de sesmaria. Enquanto isto, o sítio de Cabaceiras já tinha sido incluído no processo de colonização da região há um bom tempo, sendo à época pertencente ao Cariri de Cornoyó. (PEQUENO FILHO, 2014, p. 41).

Haja visto a necessidade de reconhecer e entender melhor a localização desses sítios, bem como da Fazenda São Francisco (que mais tarde daria origem à cidade de Olivedos) devemos considerar a nossa localização dentro da Capitania da Paraíba entre o fim do século XVII e início do Século XVIII. Para tanto, salientamos que é importante que vejamos a questão dos sertões desta capitania. Hoje, quando remetemos à palavra *sertão* em relação à Paraíba, de imediato associamos a área que compreende as cidades mais a oeste do estado, normalmente como lugares que possuem um clima quente e por isso a rápida associação à estiagem e dificuldade de sobrevivência nestes ambientes.

Mas, o que hoje é o sertão da Paraíba um dia já foi denominado e dividido como os sertões da Capitania da Paraíba e não apenas a área correspondente ao atual sertão sofreu essa divisão, mas praticamente dois terços do atual estado. Cidades como Areia, Campina Grande, Monteiro, Santa Luzia, Taperoá e várias outras estavam localizadas dentro dessa denominação de *sertões*. A única parte da capitania que não se enquadrava nesta definição era a zona litorânea, considerada zona de massapê desde as franjas do oceano indo até seis léguas território adentro, consoante afirmação de Fernandes (1999, p. 27).

Dividir a Capitania da Paraíba em vários sertões fazia parte do projeto português durante o processo de interiorização do século XVII. O sertão naquele contexto era visto como uma área desconhecida e que estava longe do litoral, além de ser inevitável a ligação desse espaço com os povos indígenas que lá estavam, sendo, na definição da época, o sertão um ambiente perigoso, habitado por bárbaros.

Durante o período colonial os limites das divisões de terras eram feitos por pontos naturais, o que pode ser observado nas cartas de sesmarias. Nas descrições dessas cartas os elementos que limitavam as terras solicitadas eram naturais⁷, tais como os rios, afluentes destes rios, riachos, serras e afins. Tais elementos, atrelados a alguns outros, causava uma grande imprecisão na divisão, não só de propriedades doadas, mas também de divisões maiores e mais importantes.

Esse processo de delimitação de terras por nomes, principalmente de rios, foi determinante na divisão dos sete sertões que a Paraíba possuiu durante o período colonial, destes, todos foram nomeados levando em conta seus rios, foram eles: Sertão de Piranhas, Sertão do Piancó, Sertão do Rio do Peixe, Sertão do Sabugi e Sertão do Seridó⁸, todos esses traziam o nome de rios ou afluentes que banhavam suas terras, os outros dois sertões eram: o Sertão do Kariris, demarcado pelo rio Paraíba, ao qual a fazenda São Francisco estava inserida, e o Sertão do Bruxaxá, por sua vez delimitado pelo rio Mamanguape, que compreendia boa parte do atual brejo paraibano.

Dentro desses sertões estavam, além desses rios, todo o relevo, vegetação e acidentes geográficos que os circundavam, e foi a partir das rotas traçadas por esses rios que o

⁷ JOFILY 1894 traz a transcrição de diversas sesmarias, na análise delas podemos perceber a quantidade de pontos naturais que eram usados como referência.

⁸ Maria Simone Morais Soares e Maria Berthilde Moura Filha trabalham essa questão dos sertões da Paraíba colonial no artigo “O SERTÃO DA PARAÍBA NO SÉCULO XVIII: representações espacial e imagética”.

povoamento foi se tornando possível, bem como a inserção dessa divisão dos sertões tornou mais viável o referenciamento geográfico, principalmente na divisão das terras e no conhecimento da área.

Esses diversos sertões, identificados como territórios variados da capitania da Paraíba, eram habitados por um grande grupo de índios denominados de Tapuias que, para FORMIGA (2014, p. 55), é uma nomenclatura atribuída pelos Tupis e tem significado referente à barbárie, associação que é feita, provavelmente, pois os índios do interior eram possuidores de uma linguagem diferente dos grupos que habitavam o litoral, já os Tupis eram homogêneos com uma língua única, desde cedo aprendida pelo colonizador e os Tapuias possuíam uma língua diferente até de outros grupos indígenas.

Esse grande grupo Tapuia era subdividido entre Cariris e Tarairiús. Cada um desses dois grupos possuía características distintas que os definiam. Dentro desses grupos, existiam tribos que se diferenciavam e ocupavam diferentes espaço. A título de exemplo, tínhamos do lado dos cariris os Carnoyós, na região de Cabaceiras; Bodopitás, na região de Campina Grande; Bultrins, na região de Esperança, e do lado dos Tarairius tínhamos tribos como os Ariús, que habitavam a atual divisória do sertão com o Seridó; Pegas também no sertão; Canindés, no Curimataú e diversas outras tribos espalhadas dentro da Capitania da Paraíba.

O encontro entre europeus e africanos que adentraram esses novos territórios, na intenção de colonizá-lo, exige de nós o levantamento da questão. Ora, o colonizador estava entrando em um ambiente que não era conhecido seu, em uma guerra em potencial, onde o adversário era relativamente desconhecido, considerando os costumes diferenciados dos indígenas do litoral. A necessidade de conhecer o índio através dos próprios índios eram mais que fundamental para o sucesso na batalha.

A respeito, Pedro Puntoni (2002) nos mostra que:

A relação dos índios interioranos com os colonos foi bastante complexa, passando por alianças, conflitos e escravidão. De todas, talvez a maior necessidade fosse à da aliança, afinal, *neste processo, o indígena, seus costumes e técnicas tornaram-se seus aliados preciosos.* (PUNTONI, 2002, p.196).

E de fato, algumas tribos construíram uma boa relação com os colonos, ao ponto de serem requeridas sesmarias para essas tribos em consorcio com colonos portugueses. Entretanto, boa parte dos nativos foi hostil ao projeto de povoamento, e o resultado dessa hostilidade foi uma série de conflitos entre índios e colonos que a historiografia denominou de “Guerra dos Bárbaros”.

O contato dos índios interioranos com os colonos causou um impacto e uma mudança cultural gritante, à medida que iam surgindo necessidades pelo novo contexto em que estes estavam inseridos. Um desses marcos culturais foi que, para os nativos, se fez mais que necessária a prática da escrita, pois só assim conseguiam requerer das mercês reais. Sobre o ato de escrever adotado forçosamente pelos indígenas, Meira (2017) destaca que *a escrita europeia, por intermédio dos requerimentos gestados, possibilitou a metamorfose das suas práticas culturais, assim como o fortalecimento do seu poderio contra seus inimigos* (2017, p. 219).

Por consequência do desenvolvimento da prática da escrita, o nativo interiorano teve que apresentar o trato com documentos de papel, que passaram a ser cuidadosamente guardados pelos indígenas⁹, entendendo-os como provas de sua posse de terra. Perder o documento era perder a posse da terra a qual era agora legitimada pelas autoridades portuguesas.

⁹ Sobre essa prática MEIRA (2013, p. 213) diz “e da aprendizagem da escrita europeia que foi destinada por tais indivíduos a uma finalidade política de manutenção das suas terras, e para a reivindicação de mercês e prestígio social dentro do sistema colonial”.

Essa mestiçagem cultural que se desenhava levou a alianças entre índios e colonos, sendo o ano de 1752 o marco maior dessas alianças, ano em que uma comitiva de índios da nação *Kariri* viajou até Lisboa na esperança de serem recebidos pelo rei, com o intuito de receber mercês e recompensas pelos serviços prestados, fosse no serviço militar ou na defesa do território contra outros indígenas hostis à colonização. A respeito, como coloca Meira (2017) ao ponto de ficar *“evidente a participação desses indígenas na “Guerra dos Bárbaros”, lutando inclusive contra parentes que pertenciam ao mesmo povo Kariri”* (2017, p. 209).

Tais constatações vão ao encontro do que nos mostra Apolinário (2009, p. 8), ao analisar o comportamento indígena no pós-contato, defende que não agiram apenas de forma bélica, mas também com práticas políticas de acomodação e de alianças como uma estratégia de sobrevivência.

As alianças entre indígenas e europeus foram comuns na primeira fase da colonização. Na segunda fase, com a interiorização, com a entrada em cena de outros povos indígenas, verificamos que a prática integrava sua cultura, mesmo que está variasse de povo para povos. A mais famosa e corriqueira aliança dizia respeito ao apoio do indígena ao colonizador, ajudando no combate a grupos de nativos hostis ao esforço colonial. Suas informações sobre a localização dos aldeamentos e das práticas bélicas dos nativos não aliados eram fundamentais na guerra de posse do território. Contudo, destacamos as alianças matrimoniais que uniam por laços indissolúveis brancos e indígenas e, por consequência, iam causando uma mestiçagem que teve como saldo no transcorrer dos anos o desaparecimento das comunidades nativas, já atingidas pela “Guerra dos Bárbaros” e acentuados por essa mestiçagem que originou as diferenças étnicas nas sociedades sertanejas, bem mais mescladas pelo sangue indígena que as sociedades litorâneas, marcadas pela miscigenação negra.

Dentro desses sertões da Capitania Real da Paraíba e dessa vivência que se desenvolveu entre indígenas e europeus, durante a segunda metade do século XVII e no século XVIII, algumas famílias ganharam destaque, bem como alguns nomes ficaram marcados. Um desses nomes, diretamente associado ao povoamento e interiorização da Capitania Real da Parahyba, é o de Teodósio de Oliveira Ledo. Foi ele o principal ator deste enredo; foi por ele que passaram as mais importantes cenas do processo, de onde emerge um personagem que transcende o seu tempo.

A respeito dessa figura icônica, que integra o panteão de agentes formadores da Paraibanidade, pairam múltiplas representações, sobre as quais abordaremos mais adiante.

3 ENTRE A CORAGEM E A MALDADE, “OS” TEODÓSIOS DO POVOAMENTO

O personagem de maior destaque dentro do contexto da ocupação dos sertões paraibano é, sem dúvidas, Teodósio de Oliveira Ledo. O terceiro da família a assumir um lugar de destaque com honras militares foi o que alcançou o maior prestígio, seja este em um especial lugar político ou como personalidade histórica.

Nascido no interior baiano, filho de Custódio de Oliveira Ledo¹⁰, ele ganharia destaque a partir do final do século XVII, quando assumiu o posto militar de capitão-mor herdado por seu irmão, Constantino. Este, por sua vez, teria recebido do tio e pioneiro da família no ramo do sertanismo, Antônio de Oliveira Ledo, conforme nos assegura Santos Jr (2008).

Ainda hoje Teodósio é lembrado até mesmo por leigos da historiografia quando o assunto é povoamento e colonização dos sertões. É de fato um nome que ficou marcado. A cidade de Olivedos, por exemplo, homenageia o mesmo com a junção de seus sobrenomes¹¹ e o acréscimo

¹⁰ ALMEIDA (1989), supõe que Custódio era descendente de Bartolomeu Ledo e Manuel de Oliveira, o primeiro casado com uma mameluca, o segundo filho de outro, sendo assim Teodósio teve sangue indígena em suas veias.

¹¹ OLIV + EDOS, de Oliveira e Ledo. Esta prática de junção de nomes para formação de topônimo se tornou comum no Nordeste Brasileiro, também, em relação a nomes próprios.

de um “S”, assim como em várias outras cidades interioranas existem homenagens, com nomes de ruas, escolas e afins¹².

Teodósio teria chegado à Capitania Paraíba junto com seus parentes da família dos Oliveira Ledo, além de outros colaboradores, que saíram das margens são franciscanas, no interior baiano, e empreenderam o negócio do sertanismo em terras paraibanas¹³. Em 1665, alguns da linhagem já se encontravam instalados no interior da Capitania. Contudo, neste momento, o nome mais forte deste empreendimento era, ainda, o de seu tio, Antônio de Oliveira Ledo, nomeado capitão de Infantaria da Ordenança dos moradores dos Distritos de todo o Sertão da Capitania da Paraíba¹⁴, cargo esse repassado para seu sobrinho, Constantino de Oliveira Ledo, em 1688.

Com a morte de Constantino, quatro anos depois de assumir o cargo, o protagonismo de Teodósio alcançava as honras militares, não mais com o cargo que pertenceu a seu tio e irmão, mas com um de maior prestígio. Teodósio assumiu o posto recém-criado¹⁵ de capitão-mor das Fronteiras do Piranhas, Cariris e Piancó, em 1694, em meio à Guerra dos Bárbaros, grande conflito armado entre nativos e colonos que aconteceu não só na Paraíba, mas nas demais capitanias do Norte.

Dentro da Capitania da Parahyba houve grande número de conflitos e de mortos e no momento que Teodósio assumiu o posto a situação era tensa. Todavia, para Almeida (1989, p. 42), Teodósio foi o fundador do aldeamento que se tornaria, um século depois, a Vila Nova da Rainha, hoje, cidade de Campina Grande. Sua ação, segundo esse autor, foi *decidida, forte e heroica* na conquista e colonização do interior da capitania.

A “Confederação dos Cariris” ou, como ficou mais conhecida, “Guerra dos Bárbaros”, foi o nome que referenciou a série de conflitos que ocorreram em boa parte das capitanias do norte da colônia, mas especialmente no Ceará, Paraíba e Rio Grande. De um lado o colonizador e, muitas vezes, tribos aliadas a eles, de outro o nativo que não se rendia ao projeto sertanista. Não há evidências de que houve organização entre as tribos que se rebelaram, mas esse movimento aconteceu em vários momentos de forma simultânea, e dentro do espaço de tempo que compreendeu as duas últimas décadas do século XVII.

Se por um lado vem o destaque e as conquistas alcançadas por Teodósio em meio ao seu projeto de ocupação sertaneja, muitas vezes à custa de muito sangue nativo, mas também se deu com apoio dos mesmos. Ao tempo que é compreendido como inimigo dos nativos, também é tomado como um grande empreendedor político, que soube utilizar certo capital para utilizar os nativos como agentes coloniais.

Tudo isso pôs uma interrogação sobre esse personagem, que – a depender do autor – o entendem como um homem perverso, cruel e sanguinário, matador de índios, frio e que para alcançar seus objetivos não poupava a vida de ninguém. Por sua vez, outros veem nele a figura de um herói, conquistador e desbravador, um dos primeiros homens que teve a coragem e a

¹² Em Olivedos temos o Largo Theodósio de Oliveira Lêdo e em Campina Grande existe uma rua em homenagem ao dito colonizador, em Boa Vista a escola também leva a mesma nomenclatura.

¹³ BRITO (2017) nos mostra que a família dos Oliveira Lêdo ao chegarem em terras da Capitania da Parahyba se depararam com outra família vinda também da Bahia, eram os Garcia D’ávila ou como ficaram conhecidos, a Casa da Torre. Esta ocupava o extremo sertão da Capitania e por pouco ela não ilhou os Oliveira Ledo, boa parte das terras do sertão estavam com a Casa da Torre, que tinha pretensão de crescer seus domínios e só não chegaram a isso por conta das grandes datas de terra dos Oliveira Ledo, essas terras que compreendiam boa parte do rio Paraíba e Espinharas e assim peitaram o avanço da Casa da Torre.

¹⁴ Para FORMIGA (2014, p. 104-105), Antônio e seus dois irmãos Pascácio e Custódio, foram os pioneiros da família neste ramo e Antônio se destacava por assumir um posto militar.

¹⁵ Segundo FORMIGA (2014, p. 121) “A respeito das campanhas do Capitão Mor Teodósio de Oliveira Ledo no sertão de Piranhas e Piancos, o mesmo só assume esse posto após a morte do seu irmão, Constantino de Oliveira Ledo, corrida em 1694.

audácia de adentrar terras desconhecidas, abraçando um novo modelo de colonização luso-brasileiro.

Abordar o heroísmo ou a maldade de Teodósio, entretanto, é importante no sentido de tentar visualizar suas múltiplas facetas, para que possamos compreender todo o processo, para que não caiamos numa verdade interessada, produzida com um sentido, a que Foucault chama de *regime de verdade*. Esta prática é bem comum nos trabalhos de história local, onde se depreende o que a sociedade acolhe para si como verdade. Nosso intuito é sobrepujarmos esta prática, buscando identificar, apenas, como os variados autores que analisamos, construíram está personalidade histórica, tal como nos alerta Adilson Filho (2019).

As atitudes de Teodósio, satisfaziam as autoridades locais da época, ao ponto de serem tomadas por entusiasmo “pelo brilho a vitória de Teodósio”, como verificamos no relato de Almeida (1989, p.33). Nas palavras do governador geral, dirigidas em carta ao sertanista, dizia ele: *Dou a Vossa Mercê o parabém (sic) do bom sucesso que teve com os bárbaros; nem eu podia esperar menos da opinião que tenho do seu valor.* (ALMEIDA, 1989, p.33).

As conquistas e o empenho de Teodósio e a satisfação das autoridades da época é retratada em vários documentos do período. Em 31 de Maio de 1695, por exemplo, segundo Formiga (2014, p. 59-60), Teodósio escreveu ao Governador Geral pedindo 30 espingardas para *armar a aldeia indígena com a qual tinha feito aliança*. João de Lacanstre, então Governador Geral do Brasil, se mostrou tão satisfeito *que mandou que o Provedor da Fazenda Real passasse ordem para remeter as 30 espingardas que seriam enviadas na primeira “sumaca” que saiu da Bahia em direção ao Recife*.

Toda essa ação dentro do conflito que Almeida (1989) coloca com demais bravura e que é tida pelas autoridades do período como heroísmo é posta por Formiga (2014) como guerra de extermínio contra os povos locais e reforçada por outros autores. Um dos alicerces para que o sertanista seja visto como cruel e exterminador de índios são documentos da época de atuação do mesmo:

“Teodósio de Oliveira Ledo escreve em 1698 ao Capitão-Mor da Paraíba Manoel Soares de Albergaria sobre uma luta travada contra os tapuias da ribeira das Piranhas onde relata que: —terminada a luta e alcançada à vitória, achavam-se da parte do inimigo trinta e dois mortos e setenta e duas presas e muita quantidade de feridos que mandei matar por serem incapazes ao rei” (VALDECI JR, 2008, p. 96)

Fato é que esses excessos cometidos por Teodósio eram tantos que começaram a serem notados. Inclusive algumas vezes iam contra o projeto que a coroa tinha de povoamento destas áreas, por isso essa atitude descrita na carta citada acima acaba repercutindo de forma negativa para o sertanista e o entusiasmo que tomava os governantes da colônia acaba se tornando em cautela por parte de alguns deles, como coloca Prado (1964), de forma que o Conselho Ultramarino, na Carta Régia de 16 de Dezembro de 1699, dispõe que o tratamento aos tapuias deveria ser outro e que Teodósio merecia um castigo exemplar pelo que o próprio descreve em seus relatos. Apesar disso, esse castigo nunca foi aplicado ao mesmo.

Ainda para Almeida (1989), com a participação de Teodósio no conflito a força predatória dos gentios foi diminuída, graças às “hordas bravias” do mesmo. Sendo assim, foi graças à bravura de Teodósio que a situação teria sido controlada e o índio, que em boa parte era hostil, finalmente domado.

Na Contramão de Antônio Pereira de Almeida, outro Almeida, desta vez Elpídio, na obra “História de Campina Grande” nos dá uma versão sobre a figura de Teodósio. Para ele, Teodósio de Oliveira Ledo, com seu modo de agir, acabaria “sendo um dos personagens determinantes no extermínio dos índios na região a partir de 1694” (ALMEIDA, 1962, p.18). Em conciliação com ele, Prado (1964) diz que o mesmo cometia excessos, matando índios a

sangue frio, e Valdeci Jr. (2008, p.96) complementa colocando Teodósio com o mesmo olhar. Esse autor vê nele “um dos grandes exterminadores de índios da região”.

O conflito contra o gentil é controlado de fato após Teodósio assumir o comando dos sertões não era um combate simples, tanto é que o irmão e antecessor de Teodósio no cargo de capitão-mor, Constantino de Oliveira Ledo, morreu em decorrência de ferimentos adquiridos em batalha. Por isso muitos autores trazem, de fato, Teodósio como valoroso homem. Para Almeida, “Teodósio de Oliveira Lêdo não foi apenas um zeloso e destemido Cabo de Guerra, como também um cuidadoso e interessado povoador dos sertões da Paraíba” (1989, p.43).

Quanto a isso, os questionamentos são pífios, tendo em vista que de fato é atribuída a ele a fundação de várias cidades do interior paraibano, desde o atual agreste ao sertão. Além disso, há diversas doações de sesmarias que constam o nome do mesmo, com diversos colaboradores que auxiliava ele no povoamento daqueles lugares.

O interior da colônia era um ambiente arriscado, com a Capitania Real da Paraíba dava-se o mesmo, eram poucos os destemidos e corajosos que se arriscavam ao pioneirismo e esse mérito não pode ser tirado de Teodósio, primeiro a pôr o pé e fundar diversos núcleos humanos.

Em relação aos seus excessos as próprias cartas de sesmarias, que davam direito ao usufruto da terra, denunciavam Teodósio, como essa que corresponde à parte do território atual dos municípios de Oivedos e Soledade:

Governo de João de Abreu Castelo-Branco

O capitão-mór Theodosio de Oliveira Ledo e Braz de Oliveira, moradores no sertão do –cariry-, dizem que nas testadas da data do PE. Sebastião da Costa, correndo de norte para o sul, havião nos campos, que os gentio chamam – Pedras Grandes – que com algum trabalho e dispêndio, fazendo-se um poço de pedra e cal se pode conservar agua todo o ano, e os ditos campos estão devolutos e nunca se pediram por não ter agua para o gado no verão; e porque eles suplicantes os queriam povoar com gados, pediam para cada um três legoas de terras em quadro, começando do logar donde o suplicante Theodosio de Oliveira Ledo dêo batalha com os tapuias Pegas com grande destruição e mortandade, no riacho que chamam do Padre que é o dito P. Sebastião da Costa, pelo mesmo riacho acima da terra do dito padre, meia legoa para o dito lugar, aonde se dêo a batalha dos tapuias Pegas.

Fez-se a concessão de três legoas de comprimento e uma de largura a cada um, aos 8 de Março de 1723. (JOFFILY, 1894, p.94).

Note que diz a carta “*começando do logar donde o suplicante Theodosio de Oliveira Ledo dêo batalha com os tapuias Pegas com grande destruição e mortandade*”. Chama atenção um documento oficial do período, ter como referência um conflito com essas características, evidenciando assim a magnitude do mesmo e o episódio entre os nativos e Teodósio.

Contudo, para Almeida (1989, p. 44), a figura de Teodósio trouxe uma contribuição benéfica, à medida que:

O povoamento do interior nordestino toma maior impulso ao alvorecer do século XVIII, quando o colono, o criador de gado, já se sentia com garantia de tranquilidade, embora lhe pesasse a ameaça constante de ataques fortuidos de índios de corso, que não deixavam de ser um perigo párea os sítios e fazendas de criação, desde que se tratava dum inimigo cuja arma de vingança era a astúcia e a infidelidade. ALMEIDA (1989, p. 44).

Posto isso e com um olhar cuidadoso para a época de atuação do mesmo é imprescindível que coloquemos aqui a importância de Teodósio no projeto de povoamento e colonização do interior paraibano. Foi graças a ele que dentro dos sertões inóspitos da Capitania da Paraíba surgiram várias vilas, povoados, sítios e fazendas que mais tarde dariam origem as atuais cidades, eram poucos os homens que adentravam o sertão desconhecido e é graças a esses que

o colono pode se assentar depois sem maiores perigos, um desses homens foi Teodósio de Oliveira Ledo.

4 EM MEIO À GUERRA, FLORESCEU SÃO FRANCISCO

Para compreendermos a fundação da Fazenda São Francisco é importante que além de entender o contexto em que a mesma foi criada, vejamos também como era a sua estrutura física. Para tanto, analisamos as construções que ainda hoje a cidade possui e fizemos um paralelo com a obra de Nóbrega Filho (1974) que, mesmo tratando da fundação de Soledade, nos traz dados importantes sobre Olivedos, mesmo que indiretamente.

A cidade de Olivedos possui quatro construções coloniais. Dessas, uma está em ruínas, que é a casa da comunidade do Curralinho (aproximadamente 2 km do centro urbano) e as outras três sofreram modificações. São elas: A igreja, o cemitério¹⁶ e a casa da área urbana que fica próxima ao centro religioso e o campo-santo, sendo esta a casa da sede da fazenda. Sobre a fundação do cemitério Nobrega Filho, nos mostra que “Era o único campo-santo da região, construído que fora em 1763” (1974, p.15).

Figura 1: Cemitério do Município de Olivedos-PB



Fonte: Acervo do autor

Durante os vários séculos de existência do cemitério o mesmo passou por diversas reformas e ampliações, atualmente encontra-se dessa forma, escondendo através dessas paredes uma história de centenas de anos.

Sobre a casa da sede da fazenda o mesmo faz referência no momento que relata uma desavença entre o Padre Ibiapina e um capitão local, no ensejo que Ibiapina recruta a população do lugar para ampliação da capela do lugar. O desentendimento teria acontecido no momento em que o capitão exigiu “a paralisação dos trabalhos, para que os “operários” viessem levantar o sótão de sua casa” e completa o autor dizendo “que se situava a dez braças da de Theodósio de Oliveira Ledo” (NOBREGA FIHO, 1974, p. 18).

¹⁶ REIS (1991), traz uma explicação para a construção de cemitérios durante o século XVIII. Segundo ele, inicialmente os corpos eram enterrados dentro das capelas e igrejas (geralmente os ricos) ou nos arredores (costumeiramente os pobres e escravos), isso dava a certeza da presença destes em casamentos, batizados e celebrações em geral, entretanto, durante esse século os médicos começaram a recomendar a abolição deste costume, por motivos de saúde pública (baseados na teoria do *miasma*) e assim surgem os cemitérios, como foi o caso da Fazenda São Francisco, construído próximo a capela, na direção Oeste, onde o vento não pudesse trazer as “doenças”.

Figura 2: Casa atribuída a Teodósio de Oliveira Ledo



Fonte: Acervo do autor

Os olivedenses atribuem essa casa as possessões de Teodósio, teria sido neste casarão que o sertanista passou os seus dias no povoamento do território da Fazenda São Francisco. Para além disso o que o relato de Nobrega Filho nos mostra é que a necessidade de ampliação da capela local bem como a atribuição da casa da sede da fazenda à figura do colonizador mostra que a fazenda São Francisco, de início, era formada, ao menos, pela casa da sede e a capela, cujos terrenos¹⁷ do entorno foram, posteriormente, usados para o cemitério local.

Figura 3: Vista lateral da igreja de São Sebastião, Olivedos-PB



Fonte: Acervo do autor

A capela levantada em honra a São Francisco mudou de padroeiro durante os surtos coléricos na Paraíba, no século XIX, hoje em homenagem a São Sebastião ela traz em sua estrutura física as evidências de seu passado enquanto capela. O telhado da igreja é dividido em

¹⁷ Ainda hoje em Olivedos as terras do entorno da igreja são conhecidas como *terra do santo*, costume comum que os sesmeiros tinham de doar uma parte de sua possessão em honra a um santo.

dois, um com uma notória elevação, esse representa o seu estágio enquanto capela, a partir daí a sua ampliação, isso é demonstrado também dentro da igreja em suas paredes.

Entendida a estrutura física que compunha a fazenda, nos resta analisar como foi o processo de formação da mesma, os atores que estavam envolvidos nele e em que momento da colonização do interior da Capitania da Paraíba isso aconteceu.

A despeito das elaborações historiográficas variadas, não podemos ilidir a grande capacidade de Teodósio, que acabou se destacando como organizador do sistema de povoamento da região. Como as posses de terra eram imensas e a família dos Oliveira Ledo, apesar de numerosa, não dava conta de toda a ocupação, lançou-se mão de estratégia comum, à época: utilizar-se de “colaboradores”¹⁸, para a aquisição cada vez mais alargada de sesmarias.

Na verdade, requerer sesmarias em consórcios, como faziam os Oliveira Ledo, solidificava os fundamentos do pedido, no qual fazia-se necessário provar os serviços prestados ao rei. Um maior número de súditos compondo o consórcio evitava a recusa real, diante da solidez dos nomes dos requerentes, todos colonizadores, comprovadamente investindo seus cabedais no esforço do processo colonial dos sertões.

Inclusive, no contexto da própria fundação da Fazenda São Francisco, que daria origem à atual cidade de Olivedos, se usou dessa estratégia. Apesar da crença de grande parte da população da presença permanente de Teodósio em nossa região, percebemos que o mesmo não se fixou aqui, mas, ao contrário, povoou essa terra com os seus, usando o esquema de consórcio. Esta prática foi comum em quase todas as suas possessões, por isso é justo o prestígio que o mesmo tem como fundador de várias vilas, fazendas e arraiais que posteriormente se tornariam cidades¹⁹.

Sendo a posse da terra oficializada através de sesmarias, no início do movimento de colonização do interior não havia limite no tamanho das sesmarias requeridas. Para se ter uma ideia da questão, a primeira sesmaria concedida aos Oliveira Ledo, na Capitania da Parahyba, foi ao longo do rio Paraíba em 1665, tendo a mesma uma área considerável²⁰ de 30 léguas (cerca 200 quilômetros) ao longo do rio Paraíba com 12 léguas de largura, 2 ao sul e 10 ao norte (15 quilômetros ao sul e 70 quilômetros para o norte) e essa não foi a única requerida nesses moldes

Contudo, em 1697 as coisas mudaram:

A princípio, as áreas concedidas não eram limitadas a uma determinada quantia. Depois, em face de excessos cometidos, começaram a ser estabelecidos limites. Em 1695, uma Ordem Real impôs ao concessionário, além dos encargos costumeiros, o pagamento de foro. A Carta Régia de dezembro de 1697 limitou a extensão das sesmarias a três léguas. Havia, ainda, a obrigação de pagar o dízimo relativo aos frutos à Ordem de Cristo e o dever de demarcação das terras, em três anos. (LEITE, 2007, p-5).

Os Oliveira Ledo, conseguiram se apossar de boa parte do território da Capitania Real da Parahyba, tendo em vista que antes da efetivação desta lei eles já tinham requerido duas grandes sesmarias. A consequência disso quem nos mostra é Wilson Seixas, no mapa abaixo:

¹⁸Colaboradores eram pessoas, a maioria, vindas do interior baiano ou ligadas de alguma forma à empresa de povoamento dos Oliveira Ledo, que ficavam instaladas em pontos estratégicos, criando, produzindo, ocupando e apoiando o sistema de povoamento.

¹⁹ É o caso não só de Olivedos, mas de Campina Grande, Boa Vista, Pombal e diversas outras cidades do estado.

²⁰ALMEIDA (1989, p. 34 – 35) traz os detalhes desse requerimento que foi feito diretamente ao Governador Geral na Bahia, entre os suplicantes estavam os já citados Antônio e Constantino de Oliveira Ledo. O autor nos mostra também que no século XVII houve também o requerimento de sesmaria conhecida como “Grande Data dos Oliveira”, no rio Espinharas, 50 léguas pelo sertão, com 12 léguas de largura.

Figura 4: Terras dos Oliveira Ledo, nas primeiras décadas de ocupação



Fonte: Mapa de Wilson Seixas em O Velho Arraial de Piranhas,

O mapa retrata o domínio territorial das duas principais famílias de colonizadores, no extremo oeste da capitania observamos o latifúndio da Casa da Torres, família dos Garcia D'ávila, já no espaço que compreende o planalto da Borborema e arredores os Oliveira Ledo, nos primeiros anos de colonização do interior, era desta forma que a posse da terra se encontrava.

Dessa forma nos primeiros anos de ocupação sertaneja ao menos $\frac{1}{4}$ da Capitania da Paraíba encontrava-se nas mãos desta família. Tendo em vista a imprecisão de dados acerca do povoamento do lugar, da ausência de documentos que tomaram rumos incertos²¹ e agarrado na possibilidade que a cartografia histórica nos permite, destacamos abaixo a área compreendida como território das conquistas dos Oliveira Ledo e a localização da antiga Fazenda São Francisco:

Figura 5: Localização de Olivados-PB no mapa de Wilson Seixas



Fonte: Mapa adaptado de Wilson Seixas, em O Velho Arraial de Piranhas.

²¹ A maior possibilidade é que os documentos sobre a Fazenda São Francisco estejam na paróquia de São João do Cariri, entretanto mesmo após diversas pesquisas não foi encontrado nada a respeito.

Evidencia-se que as terras que hoje compreendem a cidade de Olivedos estavam na posse da família dos Oliveira Ledo já na segunda metade do século XVII, sendo assim há uma hipótese da fazenda ter sido fundada de fato, em data divergente a da história “oficial”.

É atribuído a Teodósio o pioneirismo do povoamento dessa cidade na época colonial e no contexto da interiorização, tanto que como podemos observar nas constatações de Nobrega Filho (1974), a casa que teria sido sede da fazenda tem a posse atribuída ao sertanista.

Entretanto é importante destacar a outra figura deste meio. Trata-se do padre Sebastião da Costa²² familiar e compadre de Teodósio. Esse padre foi o principal colaborador de Teodósio no contexto de fundação desta fazenda e de povoamento desta terra. Esse padre teria sido tão importante quanto Teodósio para a fundação da fazenda São Francisco, posteriormente vila e depois cidade de Olivedos.

Como a família dos Oliveira Ledo tinha uma grande extensão de terras e mesmo tendo uma família numerosa, não era o suficiente para cobrir a o povoamento de toda essa área. Neste sentido, pessoas próximas, que adquiriam confiança dos membros do clã, passavam a integrar um consórcio, conforme falamos anteriormente. Tais colaboradores assumiam o papel de povoar e produzir, como forma, também de ter acesso à terra. Gente distante, que vagava pelos sertões, acabava se achegando aos pequenos grupos de povoadores e, aos poucos iam se estabelecendo no lugar, conforme nos demonstra Silva (2000, p. 15), ao defender a tríade curral – fazenda – arraial como estratégia de povoamento dos sertões da capitania. Essa organização social básica, que se replicou nos sertões, nos leva a crer que tenha sido determinante para a formação da chamada Fazenda São Francisco.

A tradição oral sobre Olivedos coloca Teodósio como principal e único personagem dessa povoação. Era como se ele vivesse ali sozinho, sem nada nem ninguém ao seu redor. Como se ele não tivesse sob suas ordens parentes, filhos, mulheres, escravos negros e indígenas domados ou aliados às suas ordens, e até homens pobres livres que se lançavam na aventura de descobrir os sertões para tentar fugir das agruras da vida dos engenhos.

Entretanto, não podemos desqualificar a certeza que Olivedos foi morada desse sertanista, embora saibamos que, sendo seus domínios territoriais bastante amplos, e se fazendo necessária sua presença em variados lugares, no sentido de manter o domínio sobre os mesmos, é certo que a vida itinerante de Teodósio não lhe permitia viver de forma fixa em um lugar específico. Daí a necessidade de gente de confiança, fazendo emergir a figura dos colaboradores como agentes determinantes para a formação da povoação e seu robustecimento.

Nas terras que hoje compreendem Olivedos, reza a tradição oral que o principal colaborador de Teodósio de Oliveira Ledo, foi, sem dúvidas, o padre Sebastião da Costa.

Para confirmar essa crença retornamos a análise da sesmaria denominada de data do “Riacho do Padre”. Naquele documento percebemos alguns pontos importantes nesse viés, sendo o primeiro a ser destacado é a própria abertura do documento, que reza: “*O capitão-mór Theodósio de Oliveira Ledo e Braz de Oliveira, moradores no sertão do –cariry-, dizem que nas testadas da data do padre Sebastião da Costa...*” (JOFFILY, 1984, p. 94)

Ali já se especifica que, mesmo antes de Teodósio ali chegar, o padre já estava fixado na terra, e a sua propriedade já servia para delimitação das novas datas requeridas pelo sertanista.

O segundo e mais importante ponto deste requerimento de terras registra a localização da futura Fazenda São Francisco, nos termos seguintes:

Começando do lugar donde o suplicante Theodosio de Oliveira Ledo dêo batalha com os tapuias pegas com grande destruição e mortandade, no riacho que chamam do Padre, que é o dito padre Sebastião da Costa, pelo mesmo riacho acima da terra do dito padre, meia legoa para o dito lugar, aonde se dêo a batalha dos tapuias Pegas. (JOFFILY, 1894, p.94)

²² Segundo SEIXAS (1985, p. 190) “Esse padre era amigo e compadre do capitão-mór Teodósio de Oliveira Ledo.

O Riacho do Padre a que o documento faz referência, fica na direção sul do atual centro urbano do município. Naquele espaço, no período colonial, foi criada a fazenda, assim chamada por ser lugar de criatório dos rebanhos de bovinos que demarcaram a penetração nos sertões.

A distância atual do centro urbano para o Riacho do padre é de 5 km, dito isso quero trazer mais uma evidencia, Teodósio e Braz, estavam requerendo as terras ao sul do riacho do Padre, pois as terras ao norte, como a própria carta diz “nas testadas na terra do Padre Sebastião da Costa” já tinham um sesmeiro, que era o religioso em questão.

Um outro ponto que merece uma atenção especial é que é feito referência também a um conflito que existiu neste riacho, que com certeza aconteceu durante a Guerra dos Bárbaros, ou seja, fim do século XVII. Se após o conflito, Teodósio assentou um colaborador nestas terras, o colaborador foi o religioso e como há uma grande probabilidade de isso ter acontecido, a Fazenda São Francisco foi fundada durante a Guerra dos Bárbaros, quebrando assim o que as poucas referências sobre Olivedos, que tratamos como história “oficial”²³, e puxando a data de fundação para um período compreendido entre as décadas de 1680 e 1690.

Para concluir existe uma fazenda no município de Olivedos chamada São Brás, ela se encontra do lado sul do riacho do Padre, exatamente onde queremos supor que iniciava a data de terra requerida por Teodósio e Braz, supondo assim que seria a fazenda uma homenagem ao seu primeiro sesmeiro, Braz de Oliveira Ledo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a respeito da colonização do interior da Capitania Real da Paraíba que culminaria na formação da Fazenda São Francisco nos permitiu alcançar alguns objetivos. Sobre Teodósio é nítido que este apesar de esta na vulgata localista jamais se instalou de forma fixa em terras *san franciscanas*, percebemos que através do trabalho de colaboração, algo comum para época, foi Sebastião da Costa o homem que provavelmente residiu na fazenda, evidente que isso não tira o mérito que o sertanista tem na fundação deste lugar.

Ainda sobre a figura do sertanista dos Oliveira Ledo nossa abordagem trouxe à tona a discussão sobre a sua dualidade, pois entendemos que é importante compreender os sujeitos históricos dentro de sua temporalidade, assim foi possível perceber os excessos cometidos pelo mesmo, bem como a coragem e astúcia de um homem do período colonial, que mesmo rodeado de medos e incertezas adentrou o sertão da Capitania e foi responsável pela fundação de diversas fazendas, vilas e povoados, que mais tarde se tornariam as atuais cidades.

Com relação a Fazenda São Francisco percebemos, como já foi dito, a grande contribuição do Padre Sebastião da Costa, colaborador assentado por Teodósio nestas terras, entretanto, definir de forma específica a data de sua fundação exige a continuidade do trabalho de pesquisas em documentos e forais, o que foi possível neste trabalho, foi criar uma hipótese que contradiz as poucas e incertas fontes que temos sobre a fundação deste lugar, apontando para a possibilidade de fundação ainda durante a Guerra dos Bárbaros, no final do século XVII.

Tudo isso converge para um saldo positivo em relação a esse trabalho, que buscou através de uma explanação sobre o contexto geral em que estava inserido não só a Capitania da Paraíba, mas todo o nordeste da colônia naquele momento, a partir da chegada e desenrolar do processo de ocupação sertaneja, tudo isso acendeu uma possibilidade real e argumentada sobre a fundação da Fazenda São Francisco, que séculos depois se tornaria o *meu torrão* a cidade de Olivedos.

²³ Tendo em vista a dificuldade de fontes escritas que remetem a Olivedos, tratamos como fonte oficial as anotações que alguns sites trazem, especialmente o site do IBGE.

REFERÊNCIAS

- ADILSON FILHO, José. A História Local em Tempos de Globalização. In: SANTANA, Flavio Carreiro de. MONTEIRO, Luíra Freire. Limites no Horizonte do Tempo, Textos em História Local. João Pessoa: Ideia, 2019. 177-188.
- ALMEIDA, Antônio Pereira de. Os Oliveira Ledo e a genealogia de Santa Roza. 1 ed. João Pessoa: Editora Gráfica Universal, 1989.
- ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande. Segunda edição, Editora Universitária-UFPB, João Pessoa-PB, 1962.
- APOLINARIO, Juciene Ricarte. Ações multifacetadas dos Tarairiú nos sertões das capitanias do Norte entre os séculos XVI e XVIII. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.
- AQUINO, Aécio Villar. A ocupação do interior da Paraíba. Rev. Do Inst. Hist. E Geográfico Paraibano, João Pessoa, Ed.24, p. 49-57, 1986.
- BORDIN, Alain. A questão local. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- BRITO, Erick Manoel Farias de. O caminho do sertão das Espinharas: uma rota para o desbravamento dos sertões da antiga capitania da Paraíba. Campina Grande, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – UEPB.
- FERNANDES, Irene Rodrigues. AMORIM, Laura Helena Baracuhy. Atividades produtivas na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.
- FORMIGA, Maria Milena Moreira. Nas Veredas do Sertão Colonial: O Processo de Conquista e a Formação de Elites Locais no Sertão de Piranhas e Piancó (Capitania da Parahyba do Norte c. 1690 -c. 1772.). João Pessoa, 2014.
- GONÇALVES, Regina Célia. Guerras e açucars. São Paulo, Edusc, 2007.
- JOFFILY, Irineu. Synopsis das Sesmarias da Capitania da Paraíba. Tomo I. Paraíba, 1894.
- LEITE, José Luís Marasco C. A apropriação das terras brasileiras Anotações Preliminares. Rev. Esc. Direito. Pelotas, 5(1): 7-22, Jan-Dez./2004.
- MEIRA, Jean Paul Gouveia. Os índios Kariri vão à corte: a circulação das lideranças indígenas pelos espaços de poder do Império Ultramarino Português (Capitania da Paraíba, segunda metade do século XVIII. Revista de História Regional 22 (1): 198-219. 2017
- MELLO, Evaldo Cabral de. O negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669. Topbooks, 3a. ed., 2003
- MELO, José Octávio de Arruda/ RODRIGUES, Gonzaga (orgs) Paraíba Conquistas patrimônio e Povo. João Pessoa: Edição Grafset, 2ª ed., 1993.
- PEQUENO FILHO, José de Sousa. Experiências vividas: escravidão e formação histórica em São do Cariri (1783-1843). João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.
- PRADO, J. F. de Almeida. A conquista da Paraíba. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1991.

RIBEIRO, Roberto da Silva. *Pocinhos o Local e o Geral*. 2 ed. Campina Grande: RG Editora, 2013.

SANTOS JUNIOR, Valdeci dos. *Os Índios Tapuias no Rio Grande do Norte, antepassados esquecidos*. Mossoró-RN. 2008.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. *O Velho Arraial de Piranhas (Pombal)*. João Pessoa: Gráfica A Imprensa, 1962.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. *Viagem Através da Província da Paraíba*. João Pessoa: A união CIA. Editora, 1985.

SILVA, Josefa Gomes de Almeida e. *Raízes históricas de Campina Grande*. In.: GURJÃO, Eliete de Queiroz (org.). *Imagens multifacetadas da história de Campina Grande*. Campina Grande, Secretaria de Educação da PMCG, 2000.

SIMONSEN, Roberto Cochrane. **História Econômica do Brasil: 1500/1820**. 7ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

SOARES, Maria Simone Morais. *Formação da Rede Urbana do Sertão de Piranhas e Piancó da Capitania da Paraíba Setecentista*. João Pessoa, 2012. Dissertação de mestrado – UFPB.

SOARES, Maria Simone Morais; FILHA, Maria Berthilde Moura. *O SERTÃO DA PARAÍBA NO SÉCULO XVIII: representações espacial e imagética*. *InterScientia*, João Pessoa, v.1, n.2, p. 84-99, maio/ago, 2013.

AGRADECIMENTOS

Venho de uma família pobre, cresci em uma realidade dura, mas que ajudou muito a me tornar a pessoa que sou hoje, vivi a dificuldade de não ter carne para comer com o feijão, de ter dois pares de tênis para reverter no uso dos dias de aula, a partir disso soube o valor do dinheiro ganho através do trabalho desde muito cedo. Sendo assim devo reconhecer o mérito de diversas pessoas que me ajudaram a chegar aonde cheguei.

Ciente da contribuição fundamental de cada um desses em minha vida, me vejo na obrigação de agradecê-los. Evidente que em primeiro lugar a Deus, por tudo que concede em minha vida, pela saúde de todos os dias e determinação que possibilita a busca de sonhos e objetivos, quão bondoso é Ele comigo.

A minha mãe, dona Josefa, ou como chamamos carinhosamente, Zefinha, mulher guerreira, que tanto sofreu para criar cada um dos cinco filhos que tem, caminhava todos os dias 7km para dar aula, era merendeira, faxineira e professora, sofreu com pessoas vazias de amor e nunca deixou que esse sentimento faltasse a seus filhos, quantas vezes precisei e o quanto me incentivou para que eu chegasse aqui, muitas vezes fazendo um esforço enorme, te agradeço mãe.

Grato sou também a minha esposa, Mayra, uma mulher cheia de luz e de um coração grandioso, me ajuda e me apoia incondicionalmente, quantas dificuldades não foram vencidas? O quanto não já crescemos e cresceremos ainda? A você todo meu amor. Hoje você carrega em seu ventre um fruto do nosso amor, meu esperado e amado filho, Joaquim, nascerá em um ambiente repleto de amor e ele encherá nossas vidas com este sentimento.

Ao meu pai, José ou Zé de Manoel Branco, homem de coração bondoso e inocente, que dentro de suas possibilidades contribuiu demais para tudo isso. Aos meus irmãos, Daniel e Danilo, bem como a minhas irmãs Divania e Daniele, pessoas boas e que são símbolos para mim da união que toda família precisa, nos ajudamos desde o berço, sempre que um precisa o outro estende a mão. Aproveito o ensejo para mencionar Aline, minha cunhada, Odair e Francinaldo meus dois cunhados, aos quais também sou grato.

Devo muito aos meus amigos que durante esses cinco anos de convivência se tornaram meus irmãos e irmãs, são eles: Alisson, com seu jeito único que conquista todos ao seu redor, Laiza, delicada feito coice de mula, mas com um coração grande, Gustavo, um homem de coração e índole sem igual, um imortal de fato, Rafael, inteligente e bondoso, um mestre único, Tulio, bonito por fora e por dentro, sempre prestativo e atencioso, Mirelle, uma mulher dedicada e focada em tudo que faz, Daíse, de desatenciosa a uma das melhores graduandas de nossa turma, Natália, com seu jeito alegre e positivo animava as noites de nossa turma na UEPB e por fim, mas não menos importante, Bia, sempre disposta a ajudar todos que precisam, coração gigante. A vocês todo o meu agradecimento e carinho.

Não posso deixar de mencionar a minha segunda família, em especial dona Maria no auge dos seus 96 anos de sabedoria e boas conversas, Zezé minha segunda mãe, uma pessoa de coração imenso, Molgana minha cunhada e Mateus meu afilhado, bem como Mayara e Deley. Pessoas que estão em meu ciclo familiar e são fundamentais para mim.

Agradeço também aos professores que me fizeram chegar até aqui, em especial, Luíra Freire, Flavio Carreiro, Juvandi dos Santos, orientadora e banca, respectivamente, bem como a Jomario, Mestre Iordan, Alberto, o grande e inesquecível Adoniran e o amável Matusalém, bem como a boa parte do corpo docente da UEPB, pessoas capacitadas e profissionais.

Encerrando fica registrado a satisfação com todos os meus amigos aos quais cito como representação, Danilo Correia, Alysso Couto, Artur Couto e Bruno Rodrigues, sirvo-me da representação de meu tio João para agradecer a toda a família de tios, tias e primos.

A todos e todas que mencionei aqui agradeço e desejo toda positividade possível em suas vidas, obrigado por terem feito parte deste momento tão especial. Foram vocês, que durante a caminhada me ajudaram e apoiaram e é também graças a vocês que cheguei aqui.